

ANAIS do 10º Congresso Nacional de Espeleologia
Ouro Preto MG, 14-16 de novembro de 1975 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 10º Congresso Nacional de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/10cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

CARVALHO, E.T.; CHEUICHE, L.M.T.. Arte Rupestre nas Cavernas e Abrigos da Região Norte Mineira: síntese das pesquisas. In: RASTEIRO, M.A.; CORBANI-FILHO, M. (orgs.). CONGRESSO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA, 10, 1975. Ouro Preto. *Anais...* Campinas: SBE, 2018. p.73-76. Disponível em: http://www.cavernas.org.br/anais10cbe/10cbe_073-076.pdf. Acesso em: *data do acesso*.

Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br

ARTE RUPESTRE NAS CAVERNAS E ABRIGOS DA REGIÃO NORTE MINEIRA: SÍNTESE DAS PESQUISAS

Eliana Teixeira de CARVALHO

Lilia Maria Tavares CHEUCHE

Bolsistas do CNPq e pesquisadoras do I.A.B.

INTRODUÇÃO

A maioria dos pesquisadores, aceita o fato de que o desenvolvimento cultural pré-histórico foi influenciado por peculiaridades do meio ambiente que facilitou a interação entre algumas regiões, estimulou um desenvolvimento paralelo em outras e deixou algumas em isolamento. O processo, porém, foi dinâmico exercendo efeitos variados na adaptação cultural humana. Nisso se resume a recente abordagem ecológica-cultural que tem sido enfatizada no campo da arqueologia através dos Dres. MEGGERS, B (1972) e SAHLINS, M.D. (19), entre outros.

Qualquer tentativa de reconstrução daquele desenvolvimento cultural, nos seus múltiplos aspectos, requer uma soma de elementos fornecidos por várias ciências afins à arqueologia, muitas delas também sujeitas às mesmas dificuldades na interpretação de seus dados.

Pareceu-nos, pois, oportuno ao ensejo da realização do X Congresso Nacional de Espeleologia, em Ouro Preto, organizado pela Sociedade Excursionista e Espeleológica da Escola Federal de Minas de Ouro Preto, apresentar uma síntese das pesquisas efetuadas pelas equipes do Instituto de Arqueologia Brasileira, no que se refere às manifestações da arte rupestre em cavernas e abrigos sob-rocha, do Norte e Nordeste Mineiro.

O presente trabalho, está inserido num projeto mais amplo, cujos resultados preliminares serão publicados no Boletim nº 7 do Instituto de Arqueologia Brasileira. Trata-se do Programa de Pesquisas Arqueológicas do Vale do São Francisco (PROPEVALE), elaborado pelo Prof. Ondemar F. Dias, Diretor de Pesquisas do I.A.B., no ano de 1970.

PICTOGRAFIAS E PETROGLIFOS

Apresentação

Distinguimos na região Norte mineira, do ponto de vista arqueológico, uma série de elementos que, a englobam dentro de um mesmo contexto geográfico-cultural, tais como, fatores ambientais

comuns, que se expressaram no campo da arte rupestre, através de uma relativa similaridade, que vai desde a sua localização até os motivos representados e as técnicas de execução.

A formulação desse quadro geral é puramente arbitrária, pois nada há que justifique seu isolamento das demais áreas de ocorrência destas manifestações, servindo-nos apenas como instrumento de trabalho. Esperamos serem os resultados úteis, posteriormente, na comparação com dados obtidos nas outras frentes de pesquisa do PROPEVALE.

Dentro dos problemas teóricos que estão implícitos na abordagem deste tema, pretendemos, inicialmente, uma sistematização que possibilite fornecer subsídios válidos para caracterizar a arte rupestre na área em estudo. Não possuímos dados suficientes que nos permitam estabelecer, no momento, correlações culturais entre as manifestações da arte rupestre e as demais evidências arqueológicas então assinaladas, parecendo-nos, pois, prematuro, ensaiar qualquer tentativa de interpretação, já que não seria ainda baseada em dados sólidos.

Partindo das fichas de registro já existentes, com algumas adaptações notadamente no tocante à técnica de execução, completada por decalques, fotografias e croquis, tentamos uma padronização na metodologia, fator este que favorecerá a sistematização pretendida futuramente.

O presente trabalho resume-se, pois, uma abordagem generalizada a respeito das pictografias e petroglifos que ocorrem na região por nós pesquisada, sendo que um aprofundamento da questão será motivo de uma comunicação posterior.

Na região Norte mineira podemos relacionar as seguintes observações iniciais, baseadas no estudo de 48 sítios com pictografias e petroglifos, localizados em 10 cavernas, 27 abrigos e 9 paredes.

- a) Localização: frequentemente estas manifestações foram identificadas em locais de difícil acesso, ou seja, em pontos elevados e íngremes. Dois terços dos sítios estão

- localizados a uma distância que varia de 100 a 1.000 metros de cursos d'água. O restante, a uma distância que vai de 2 a 4 km e raros são os que ultrapassam este limite.
- b) Rocha base: pinturas e gravações foram assinaladas em 28 abrigos e cavernas calcárias e em 18 abrigos e paredões de quartzito.
- c) Distribuição das sinalizações: as pinturas ocorreram quase sempre nos salões de entrada, não só em paredes laterais, com grande parcela de luminosidade, como nos tetos, estes muitas vezes a alturas consideráveis do solo. Nos paredões, elas se localizam desde o nível mais inferior até aproximadamente 6 metros. Os petroglifos, ao contrário, sempre se evidenciaram na parte inferior, formando um painel contínuo e destacado das pinturas. Raramente ocorrem figuras isoladas e quando isto acontece estão associadas às pictografias.
- d) Petroglifos: “geralmente ocorrem no fundo ou em paredes internas dos abrigos e cavernas e raramente nas paredes de entrada e partes exteriores, com exceção do sítio Mamed II (Serra da Santana, Montalvânia). Ao contrário das pinturas, as gravações não se encontram em lugares altos, muitas vezes estão a flor do solo, nunca a mais de 1.50 cm, em prolongamentos das rochas. É interessante observar que a rocha base utilizada para a execução dos petroglifos, foi, sem exceção, o calcário”; (PEPE-1973:382). Podemos generalizar as observações acima, estendo-as aos sítios pesquisados recentemente nas mesmas áreas e que dizem respeito, sobretudo, não só à técnica de execução das gravações, como aos motivos predominantes. Descartamos, o fato de que os petroglifos foram executados, de preferência, na parte lisa das rochas e particularmente nas partes que sofreram precipitação de sílica, tendo sido empregada a técnica do picoteamento. Algumas gravações estão cobertas por pinturas posteriores, citando-se os casos do sítio Mamed II, localizado na bacia do rio Cochá e o sítio da Lagoa, na bacia do rio Jequitaiá. Os motivos variam desde representações antropomorfas, zoomorfas e relativas à natureza, até as figuras geométricas, onde se observa maior incidência de círculos, traços e séries de pontos. Em relação ao espaço ocupado pelas sinalizações nos conjuntos e painéis, aos petroglifos corresponde uma parcela extremamente reduzida de ocorrência.
- e) Pictografias: localizadas predominantemente em abrigos e paredões rochosos e em escala mínima no interior de cavernas, na área norte e noroeste mineira, a par dos motivos animalistas, que incluem grande variedade de representações zoomorfas, são comuns os sítios em que são encontrados elementos tanto figurativos como geométricos. Monocromas ou policromas, são mais repetidas as representações em vermelho ou amarelo, seguidas do preto e mais raramente, o branco, registrando-se inúmeros casos de superposição das cores.
- f) Num total de 47 sítios em que foram documentadas sinalizações rupestres, em 29 registraram-se apenas pictografias, em 7 foram assinaladas pictografias e petroglifos e em um único caso notou-se a ocorrência exclusiva de petroglifos (Pedra gravada do Jequitaiá, no município de mesmo nome). Em quatro cavernas e seis abrigos com pictografias, verificou-se ocupação superficial dos mesmos, com coleta de material lítico e/ou cerâmico, sendo raros os casos em que a camada ocupacional atingiu a profundidade de até 70 cm.
- O problema da arte rupestre no Brasil tem atraído especial atenção de diversos autores, entre eles, CHMYZ (1968: 53/64), PALLESTRINI (1969), ALBUQUERQUE (1969) SSOMITZ (1975: 6/7) e mais recentemente, pesquisas neste campo tem-se desenvolvido pela equipe franco-brasileira em Lagoa Santa, sob a direção de A.LAMING-EMPERAIRE.
- As pictografias e petroglifos, numerosíssimos em Minas Gerais, tanto nas regiões calcárias como nas áreas em que predomina o calcário, tem sido, pois, objeto de estudos, notadamente na região de Lagoa Santa. Embora os primeiros trabalhos realizados neste setor, tenham sido quase essencialmente descritivos, forneceram, entretanto, amplos subsídios para que alguns autores estabelecessem comparações com outras áreas de pesquisa. Estas comparações evidenciaram sobretudo, as analogias existentes, relacionando-se a motivos animalistas representados nas áreas então comparadas, incluindo-se Minas Gerais. A. LAMING-EMPERAIRE (1966: 88/91) comentando as pinturas dos altos planaltos do Brasil meridional, assinala: “As semelhanças entre as representações do Paraná e as de Minas Gerais são evidentes. Elas deviam ser obra de grupos humanos que tiveram um modo de vida semelhante... apesar de distanciadas

das obras de Minas Gerais por algumas centenas de quilômetros, nos parece evidente que elas pertencem à mesma tradição artística... tradição largamente espalhada, testemunhando uma certa unidade cultural”. Segundo a referida autora, as aproximações residem sobretudo no âmbito temático.

Embora saibamos que as referências a Minas Gerais se baseavam sobretudo na arte rupestre identificadas em Lagoa Santa e adjacências, esperamos que com o prosseguimento das pesquisas, possamos ampliar de modo significativo os estudos relacionados aquele Estado, na sua região mais setentrional, pois falta-nos ainda, dados arqueológicos suficientes. Apenas recentemente, nela primeira vez no Brasil, foi possível situar cronologicamente algumas pinturas de caráter artístico naturalista, que puderam ser data das estratigraficamente em mais de 4.000 anos (A. LAMING-EMPERAIRE 1975:76). O sítio em questão localiza-se no município de Lagoa Santa.

Esquemas interpretativos referentes à arte rupestre têm procurado igualmente, estabelecer uma associação entre este tipo de manifestação e grupos de caçadores-coletores ou grupos conhecedores de agricultura, mais recentes. DIAS JUNIOR (1969) no Brasil e GRANT (1972) na América do Norte, sugeriram a possibilidade de se estabelecer

correlações entre o grau de complexidade das pinturas e gravações e os padrões de comunidade dos indígenas que as produziram. Assim, as pinturas mais simples poderiam ser emanadas de sociedades menos complexas, desde que na economia de caça e coleta, o tempo seria insuficiente para a confecção de uma forma artística altamente desenvolvida. Grant especifica que os caçadores nômades do Novo Mundo, com uma vida constantemente caracterizada pelo movimento, não poderiam expressar-se através da arte, do mesmo modo que culturas sedentárias e estáveis. Segundo o mesmo autor, na América do Norte as mais complexas pinturas rupestres, foram desenvolvidas por grupos num estágio cultural mais evoluído.

Sem a disponibilidade de dados cronológicos e sendo escassos os restos materiais associados, parece-nos que adotar qualquer sistema interpretativo no gênero, dependerá da organização de uma metodologia analítica com propósitos comparativos, cujos resultados permitiriam traçar, inicialmente, as linhas gerais básicas das representações e técnicas de execução das sinalações rupestres, para em seguida determinarmos os possíveis graus de variações e complexidade e finalmente estabelecer vinculações culturais precisas.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, M.. 1969. “Tentativa de Estabelecimento de Tipologia para as Inscrições Rupestres”. Universidade Federal de Pernambuco, Recife – Julho.
- CARVALHO, E.; CHEUTCHE, L. & COSTA, F.. 1973. “Notas Prévias sobre Pesquisa Arqueológicas na região Norte Mineira”. Anais do 1º Congresso de Arqueologia (no prelo).
- CHMYZ, I.. 1968. “Breves Notas sobre Petroglifos no Segundo Planalto Paranaense”. in Revista do CEPA nº 1, Curitiba, PR, p.p. 53/64.
- DIAS JUNIOR, O.. 1969. “As Inscrições e as Pinturas Pré-Históricas no Brasil”. in Boletim do Serviço de Museus, Div. de Patrimônio Histórico e Artístico, Ano I, nº 3, RJ, p.p. 7/16.
- DIAS JUNIOR, O.. 1975. “Pesquisas Arqueológicas no Sudeste Brasileiro” in Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Serie Especial, nº 1, RJ.
- GRANT, C.. 1972. “Rock Art of the American Indian”. Thomas Crowell CO. New York.
- LAMING-EMPERAIRE, A & EMPERAIRE, J.. 1968. “Descobertas de Pinturas Rupestres no Planalto Paranaense”. in Revista do CEPA, nº 1, Curitiba, p.p. 81/97.
- LAMING-EMPERAIRE, A.; et alii. 1975. “Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil”. in Cahiers d' Archeologie d'Amerique du Sud, I, Paris.



- MEGGERS, B.. 1972. "Pré-Historic America". Washington.
- PALLESTRINI, L.. 1969. "Pinturas Rupestres Brasileiras". Ed. Paestum.
- PEPE, B.W.. 1973. "Figurações e Sinalações Rupestres no Norte e Noroeste Mineiro". Suplemento Ciência e Cultura, vol. 25, nº 6, São Paulo, p.p. 382.
- s.a. 1972/74. "Relatórios das Equipes de Pesquisa do Instituto de Arqueologia Brasileira". Frentes IV, V, VI do PROPEVALE.
- SCHMITZ, Pe. I.. 1975. "Relatório do Projeto Paranaíba". Programa Arqueológico de Goiás; Instituto Anchietano de Pesquisas, Universidade Católica de Goiás e Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- SAHLINS, M.D.. 1966. "A Cultura e o Meio Ambiente: um Estudo de Ecologia Cultural". in Panorama da Antropologia.